



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data / /
Cod. GPD00010

ETNO PEDAGOGIA EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA

- André Alvarez *
- Edilene Costa *
- João Cunha *
- Moisés David *
- Regina Julião *
- Kapière Jõpaipaire **

I - FILOSOFIA DA ESCOLA

A filosofia da educação de um povo indígena não está contida em documentos formais (escrito), antes baseia-se na própria maneira de "estar no mundo" dos membros da comunidade. por isso o educador envolvido em um processo de escola em uma comunidade indígena precisa estar atento aos momentos e espaço onde ocorre o processo educativo, pois é na "... união entre realidade e ação que se insere o indivíduo, claramente distinguido das demais espécies animais pelo fato de sua ação ser sempre o resultado dialético teoria - prática". (GAZZETTA: 1990). Neste quadro, a proposta pedagógica da Escola Indígena em Região de Convênio Parkatêjê, de 5a. a 8a. séries, com a atual equipe engajada desde fevereiro de 91, gira em torno da

* Professores licenciados a serviço da SEDUC na Escola R. C. Parkatêjê, Reserva Indígena Mãe Maria.
 ** Conselheiro da Escola R.C. Parkatêjê - In Memoriam.

construção do conhecimento oriundo de um processo que visa unir realidade e ação e buscar a todo momento a reafirmação daquilo porque os parkatêjê têm mais apreço: a valorização da pessoa por aquilo que faz e como o faz, pois tendo uma concepção de mundo dualista — opera com dois parâmetros avaliativos — o "ser ruim" — kãhãkare e o "ser bom" — mpoïre — faz com que o indivíduo seja levado a buscar o aperfeiçoamento de sua prática para que sua contribuição à comunidade se dê de maneira cada vez mais eficiente.

Para que a harmonia reflexão — ação seja cuidadosamente observada, torna-se necessário que os professores morem por longos períodos na aldeia — só na ausência nos períodos de recesso e férias — definidos administrativamente pela SEDUC. O projeto se propõe aberto, no sentido de trabalhar no ritmo da comunidade adequando-se à órbita desse povo, que não aceita incondicionalmente as propostas que lhe chegam mas, ao contrário, exige sempre dar a última palavra depois de se sentir convencido. Assim, em consenso com a comunidade, encontramos os períodos mais adequados de funcionamento da Escola na sala, nas atividades extra-sala e cotidianas.

Convivendo com os Parkatêjê, a equipe tem a possibilidade de aprender a falar a língua Parkatêjê, uma vez que a Escola deve ser obrigatoriamente bilingue, pois muito da etnicidade de um povo só é compreendida através da língua: do modo como expressam os elementos do mundo que o cerca; de como se conceituam, porque usam este e não aquele vocábulo quando falam de si ou dos outros (sejam

des indígenas (o Kupê). Assim, os professores — e nos que-
remos sucessores — da ordenam, ao se lidarem com
aprendizes no mundo que exige, além de embasamento teórico
(antropológico, linguístico...), toda cautela no fazer, no
fazer, no "viver com" em harmonia, na melhor atitude, em
sintonia com as pessoas, com as festas rituais, com as meio-
das tão representativas deste povo.

II - AÇÃO DA ESCOLA NA COMUNIDADE

A Escola Parkatêjê é fruto da necessidade daquele
povo que ansiava por uma escola que garantisse o futuro de
sua sociedade, ao mesmo tempo em que não marginalizasse os
Índios — ou seja que garantisse suas especificidades cultu-
rais. Portanto, qualquer instituição (seja solicitada por
eles ou de obrigação do Estado) tem que assegurar um equi-
líbrio entre educação institucional/sociedade envolvente e
a prática da educação/cultura Parkatêjê de modo que aquela
não se sobreponha a esta.

Para respeitar essa concepção de escola, conside-
rando o equilíbrio que deve ser estabelecido entre os dois
tipos de educação que vem ocorrendo, é que nos cursos de
capacitação previstos no projeto, foi apresentada a pro-
posta pedagógica denominada Laboratório Vivencial.

O Laboratório Vivencial, na prática, requer obser-

* Kupê - denominação que os Parkatêjê dão para os não-Índios.

vacão e experimentação nos interesses e motivação ligadas ao momento presente oriundos dos Parkatêjê. Este é o movimento das sugestões e seleção de temas geradores propostos pelos alunos, ou sugeridos pelos professores, a partir de uma realidade vivenciada ou observada. Ele funciona como centro de interesse.

Essa experiência prima pela globalização do conhecimento, pois na educação indígena não há compartimentação. Por estes motivos, experimenta-se a viabilidade das diversas disciplinas do Kupê serem trabalhadas de forma transdisciplinar com a realidade/cotidiano dos Parkatêjê.

III - TRANSDISCIPLINARIDADE : UM CONCEITO ...

Antes mesmo de ser um conceito, a transdisciplinaridade é uma prática. Antes de ser prática é mais uma questão de atitude, ligada ao desejo de inovar, criar, construir um conhecimento baseado, principalmente, no diálogo e no respeito entre todos que participam e se utilizam desse conhecimento.

"Talvez pudéssemos ousar um conceito de Transdisciplinaridade: TRANS - transcender as disciplinas - o tema gerador transcende a todas as disciplinas. TRANS - transitar pelas disciplinas - para possibilitar ao aluno uma compreensão da realidade atual e da forma como ele dialeticamente se expressa em suas relações recíprocas". (GAZZETTA: 1992).

tas. Em primeira, podemos falar de TRANSDISCIPLINARIDADE que inclui além de conceitos, definições, pela oportunidade em exercício constante de reflexão acerca do que é o conhecimento construído e partilhado entre nós professores e os Makutãjã, que nos permite um constante questionamento sobre "que eu estou fazendo?" e "que eu deveria estar fazendo?"

Porém, numa experiência com educação transdisciplinar, nem sempre podemos contar com aspectos positivos e controle de variáveis que vão surgindo ao longo desse processo, que é a construção do conhecimento. Isto porque em qualquer experiência não há só sucessos, ocorrendo resultados inesperadamente inesperados, sejam no âmbito dos recursos humanos, materiais, seja na adequação de alguns aspectos da proposta pedagógica à realidade específica, no caso a Makutãjã.

No que diz respeito aos recursos humanos, muitas vezes não podemos contar com total integração da equipe de professores, ou porque alguns membros não se adaptam a este estilo de trabalho e/ou porque não conseguem produzir coletivamente. A diversidade, neste caso, também deve ser respeitada. A proposta, porém, não se invalida em virtude destes motivos, já que eles levam a buscar novos caminhos para renovar e enriquecer a experiência.

Quanto aos recursos materiais, sentimos a falta de alguns que são suportes necessários para nos auxiliar no desenrolar das atividades, tais como gravadores, retroprojetores, mapas atualizados, cronômetros, etc.

A referência à falta desses recursos decorre da convivência extensiva que este povo tem com a sociedade envolvente, que lhe proporcionou a apropriação de diversas tecnologias, como: vídeo, filmadora, gravadores, antena parabólica, televisores, eletrodomésticos em geral, automóveis, armas.

Uma vez que já existe todo este aparato tecnológico, torna-se necessário que a Escola atue em consonância com esta realidade, aproveitando estes recursos para que o processo educativo se dê de modo mais eficiente.

Por outro lado, nos damos conta de que é preciso levar os alunos/comunidade a compreender as implicações do uso dessa tecnologia e a buscar métodos alternativos de atender às necessidades.

Em relação à não adequação de alguns aspectos da proposta pedagógica à realidade Parkatêjê, consideramos que nem sempre os planos traçados e os objetivos propostos são alcançados de imediato. Ocorreu no ano letivo de 91 a interrupção por períodos maiores em virtude do fato e/ou da necessidade que a comunidade teve de resolver seus assuntos sem a presença dos Kupê. Esta interrupção, se nos afasta do contato diário com a comunidade, não os afasta da atividade intelectual. Esses períodos tem servido para uma observação mais "distanciada", que nos tem permitido processar a complexidade intelectual/emocional de nossa vivência pedagógica.

É importante marcarmos aqui que nenhum plano é

...ainda no meio do caminho do mesmo caminho, pois
Parkatêjê tem a habilidade de recompor atividades de vida
sem esquecidas, assim que o momento seja apropriado. Tal-
vez isso se explique porque esta maneira de ver e se ver re-
tudo corresponda à forma de organização de seu espaço de
moradia, que é circular, favorecendo e possibilitando
sempre recomeçar.

IV - TRABALHO DA COMUNIDADE E TRABALHO NA ESCOLA

A seguir, o relato de como desenvolvemos um tra-
balho transdisciplinar na Escola, aproveitando uma atividade
de plantio dos Parkatêjê, que serviu de centro de inte-
resse para o Laboratório Vivencial.

O plantio do cacau, cultura introduzida na comu-
nidade Parkatêjê por influência do Kupê, chegou a mobilizar
os dois segmentos da comunidade, velho e jovem, que sob
orientação do chefe Kônôk.egnum, iniciaram o preparo de
uma roça para o plantio definitivo do cacau. Acreditando-se
lherem bons resultados com esse empreendimento.

A Escola R.C. Parkatêjê, funcionando com a parti-
cipação e para a comunidade, não podia e nem pode se man-
ter alheia a quaisquer atividades ali desenvolvidas, mas
sim tomá-las como centro de interesse para o trabalho peda-
gógico. Assim o tema gerador, O Cacau, foi trabalhado trans-
disciplinarmente pela equipe de professores da Escola, no
início do ano letivo de 91.

Num primeiro momento, o cacau, como tema gerador, foi trabalhado em nosso curso de formação através de um trabalho que obteve positivos e estimuladores resultados para a continuidade do trabalho transdisciplinar. Então, os professores das áreas de Ciências Sociais, Ciências Naturais, Comunicação e Impressão e Parkatêjê, passaram a desenvolver atividades que possibilitassem um maior conhecimento acerca do cacau.

Nossa experiência pedagógica com um trabalho transdisciplinar e temas geradores, foram desenvolvidos com os alunos da Escola Indígena R.C. Parkatêjê, a partir de um texto produzido pelos professores no primeiro Curso de Capacitação. Este texto foi mais aprimorado e complementado com informações e dados provenientes de alguns Parkatêjê, que participaram daquele curso e vivenciaram mais o plantio de cacau, como também da nossa experiência durante a estada na aldeia.

A partir de agora, descreveremos o processo de trabalho utilizado para desenvolvermos esta temática.

Abordamos as Grandes Navegações pois o conteúdo remete ao passado (contextualização do mundo antigo), refletindo com os alunos sobre a significação dessas viagens por meio das quais os povos europeus conheceram outros povos - Novo Mundo. Daí discutirmos questões tais como: expansão europeia, invasão das terras indígenas, conflito e exploração desse povo, apropriação e exploração dos produtos nativos como madeira, ouro, cacau, para fins econômicos e comerciais. Discutimos ainda a denominação genérica

atribuída pelos colonizadores aos moradores dessas regiões, quando do contato colonial. Astecas, Incas, Minomami. - Os diferentes que receberam a mesma denominação - Índios - como forma de torná-los homogêneos.

Com relação ao presente, na comunidade, estudamos o aspecto histórico-econômico que encerra a atividade local, isto é, o interesse pela cultura do cacau, sem deixar de lado a manutenção das roças de subsistência para garantir nutrição independentemente do Supê.

As aulas foram movimentadas pois a compreensão e o estudo da forma do mundo exigem a utilização de mapas, atlas, globo e, principalmente, a linha do tempo, o que nos permita viajar e localizar no tempo e espaço os acontecimentos históricos do passado como também do presente, num movimento de vai-e-vem. Estes recursos iam permitindo superar as dificuldades e dúvidas surgidas no decorrer dos exercícios.

A boa receptividade a esse tipo de trabalho viabilizou a estratégia do Laboratório Vivencial, uma vez que a correlação entre o tema gerador e conteúdo mostrou-se acessível aos alunos, pois levamos em conta o nível de compreensão, como também aquela correlação. Esta se dá por meio de atividades (escritas ou orais) buscando no passado do povo histórias, fatos e outros elementos comparando-os com o presente, na tentativa de visualizar como os homens/os povos produzem e reproduzem seus bens e suas condições de vida para continuarem existindo.

O reforço da identidade indígena, que constitui

Um dos objetivos do Projeto Escola, está sendo conseguido na medida em que a interação pelos monitores de língua Parkatêjê se dá quando estes se valem dos esquemas e assuntos de nossas aulas para realizarem suas atividades. Por exemplo: utilizam a linha do tempo para trabalharem o tempo no Parkatêjê; estudo dos frutos, parte desses frutos (cacaú), fazendo exercícios com palavras e frases. Isto é importante porque nós, participando como alunos nessas aulas, utilizamos seus referenciais de tempo, espaço e palavras nas nossas atividades com os alunos, enriquecendo nosso trabalho e buscando mergulhar cada vez mais na compreensão do seu modo.

Na área das Ciências Naturais, observou-se que os Parkatêjê tem uma classificação própria para o cacau: Hôiakatimpei (cacau bom) e Hôiakati (cacau bravo).

Em nossas discussões foi interessante a colocação da idéia de que se deve valorizar conhecimentos das duas culturas: a indígena e a Kupê. Então, utilizando mudas do vegetal e fruto (o cacau), o aluno Parkatêjê recebeu orientações do professor no sentido de chegar-se a outra classificação do cacau, segundo sua morfologia, feita pela nossa cultura. Dessa forma o cacau passa a ser um Angiosperma, Dicotiledonea e Fanerogama.

Os alunos fizeram ainda experiência com o cacau, objetivando a comprovação da existência de água nos seres vivos, a partir do aquecimento desse vegetal e outros, alcançando resultados positivos, principalmente quanto à importância da água para os animais e vegetais.

Seguindo esses resultados, trabalhou-se sobre o ciclo da água, ficando claro que pela transpiração nos vegetais e animais, bem como pelas decomposições orgânicas e evaporação que ocorre nos rios, lagos, etc., essa água sobe, condensa e volta à terra sob a forma de chuva. O entendimento sobre a ocorrência desse fenômeno foi além das expectativas, uma vez, deliberadamente, um aluno fez uma explanação sobre esse ciclo na língua Parkatêjê e, em seguida, na língua portuguesa.

É interessante que isso sempre ocorra, pois o aluno precisa sair da situação passiva, quando tem acesso a conhecimentos da ciência Kupê comparando-os com os conhecimentos da cultura indígena, além de valorizar sua língua.

Quando um aluno apareceu em uma das aulas apresentando um corte no braço, a discussão sobre o cacau teve um breve "congelamento". Assim, naquele momento, se trabalhou um pouco sobre a fisiologia do sistema circulatório. O que para eles parecia ser magia naquele instante um conhecimento até então não muito claro sobre o interior do corpo humano passava a ser-lhe mais compreensível.

Como se tratava de um corte se raciocinou da seguinte forma: se cortamos em pedaços cada vez menores o braço do colega chegaremos a uma parte, ainda com vida, a célula, que pelo reduzido tamanho, só se pode visualizar ao microscópio. Estando a célula presente na maioria dos seres vivos, retomamos em nossas discussões a temática do cacau.

Considerando o tamanho do vegetal fizemos a classificação como pluricelular.

Já que a célula era um ponto que sempre aparecia em nossas discussões, passamos a ler e conversar sobre os componentes básicos da célula e suas respectivas funções, tanto no vegetal como no animal. Posteriormente, as atividades centram-se em alguns tecidos que constituem o corpo do vegetal (Xilema, Floema, Epiderme e Parênquimas assim como nos órgãos, sempre respeitando a ordem do menos complexo para o mais complexo.

Nessas discussões, por dificuldade em conseguir materiais apropriados às aulas, por exemplo, o microscópio, foi necessário usar muitas alegorias, comparações com objetos, lugares como exemplo, o pátio da aldeia, um lugar onde ocorrem as decisões e saem informações que orientam as ações da comunidade, foi comparado ao núcleo celular que, biologicamente, concentra as informações genéticas para a orientação do trabalho celular, enfim, coisas da cultura Parkatêjê para que nesse objetivo fosse alcançado.

Foi trabalhando ainda, com os alunos, a localização da "roça" de cacau no espaço geográfico da Aldeia Parkatêjê. Ficaram sabendo a localização da mesma através do deslocamento diário do sol (Pytji), no sentido nascente (ã-pôixa) para o poente (Hõkwa). Concluíram que esta roça localiza-se ao poente da área de moradia da Aldeia.

Não nos utilizamos da orientação que poderia ser conseguida através da bússola. Isso se deve a opção de pri

neiro buscar o plano emico desse povo, que é dual e ecoló-
gico e que, embora possa corresponder às pontas parciais
não significa dizer que se orientam no sentido leste/oeste
ou ainda norte/sul.

Será esse o caminho a ser seguido? Parece que até aqui obtivemos resultados satisfatórios.

Ocorrerá o mesmo com as próximas temáticas?

Estas questões que nos púnhamos ao final da exploração do 1º tema gerador: o cacau. Era o início da nossa experiência.

Hoje, aproximando-se do final do 2º ano letivo na Escola Indígena R.C. Parkatêjê, muitos percalços enfrentados, já vivenciados outros temas gerados, a AIKREPOTI, construída pelos alunos, com professores e assessorada pelo Jökōrenhum. A Aikrepoti tornou-se uma nova sala de aula, trabalho e construção que levou aproximadamente três meses para ser concluído) à moda da construção tradicional, de cuja inauguração participou toda a comunidade, numa festa tradicional, determinada e autorizada pelos mais velhos e pelo chefe da comunidade, havendo caçadas e comidas típicas dos parkatêjê. Todo esse trabalho tornou-se tema gerador. Habitação - explorado transdisciplinarmente, que será apresentado em uma próxima oportunidade.

* AIKREPOTI - casa larga

V - CONCLUINDO...

Quando nos propusemos relatar nossas experiências em uma comunidade indígena, tínhamos em mente sempre a idéia de que nada podíamos afirmar com convicção, pois assim como nossas reações como seres humanos mudam de acordo com a situação com a qual nos confrontamos, qualquer estudo ou experiência toma rumos diversos, inesperados, para os quais tem-se sempre que buscar novas alternativas.

A proposta de educação para os Parkatêjê é inovadora à medida em que quebra velhos conceitos sobre educação formal e valoriza o que as pessoas trazem de potencial dentro de si. Busca-se a construção do conhecimento e a valorização do homem como um todo. A educação passa a ser entendida como um processo contínuo e abrangente, muito além da mera aquisição de mecanismo e fórmulas prontas que levam pessoas a decorar fatos, datas e itens, sem a clara relação com a realidade vivenciada - isso tanto para o aluno como para o educador.

Nossa experiência busca, antes de tudo, a reafirmação da identidade indígena dos Parkatêjê. Um modo de educação que valorize e amplie a visão de mundo desse povo. Uma educação sujeita às mudanças e interferências que a eles importem.

Com esta experiência, conseguimos saber com certeza, que para os Parkatêjê uma pessoa só tem duas possibilidades de qualificação: boa (mpeire) ou ruim (Kāhākare). Sabemos que estamos sendo observados por eles, que estão nos dando tempo para aprender e eles vão nos "mostrando o rumo".

Por outro lado, com os alunos e a própria comunidade já aprendemos que "cada um de nós é diferente do outro". Isto é, aprendemos que cada um de nós é diferente do outro. E como criança que aprende a andar, caímos muitas vezes e nossas tentativas incertas servirão para amadurecermos em direção a horizontes mais precisos e menos tortuosos. É muito positivo que os Br Katôjê antigos nos ajudem com suas próprias mãos mais experientes. Aceitamos críticas, risos e, até quem sabe, elogios pela nossa coragem. Possivelmente, com mais propriedade podemos dizer ou perguntar. "estamos no rumo certo!?"

* A fala do capitão Kōhōkrenhum para explicar que cada pessoa tem seu ritmo de aprender, uns mais depressa, outros mais devagar.

VI - BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Leopoldina. Notas sobre a Gênese da Escola Parkatêjê.

Datilografado, 1989.

_____. A Proposta Pedagógica da Escola na Comunidade Parkatêjê. Datilografado. Julho, 1990.

FERRAZ, Iara. Os Parkatêjê das Matas do Tocantins: A Epopéia de um Líder Timbira. Dissertação de Mestrado apresentada ao departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1983.

GAZZETTA, Marineusa. O Laboratório Vivencial - Uma proposta pedagógica. Datilografado, 5.ed.

_____. Marineusa. Relatório de Trabalho de Consultoria Realizado na E.R.C. Parkatêjê para o projeto de Educação Parkatêjê. 29/05 a 05/06/92. Datilografado.